

APRENDENDO A ESCREVER: ANÁLISE DO PROCESSO DE ESCRITA DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE GUANAMBI

Lizeni Pereira Alves¹

Patrícia Natália Dos Santos Pereira²

Sônia Maria Alves De Oliveira Reis³

Resumo

Este artigo é resultado de uma análise do processo de escrita das crianças de uma turma do 5º período da Educação Infantil. Tal análise foi proposta no Componente Curricular *Processos de Alfabetização* do curso de Pedagogia do Departamento de Educação (DEDC) do *Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Sob a orientação da Professora Doutora Sônia Maria Alves de Oliveira Reis, analisa-se o nível de escrita das crianças por meio de registros feitos durante o desenvolvimento de atividades escritas realizadas na sala de aula durante o período de intervenção do estágio na Educação Infantil. A princípio, constatou-se que, na sala de aula onde esta pesquisa foi realizada, havia crianças com idades diferentes e, por esse motivo, com níveis distintos de alfabetização. Ao observar os desenhos e, principalmente, a escrita das crianças, percebe-se que cada uma delas, muito singularmente, esboça, nos papéis, a forma como compreende os símbolos, ou melhor, as letras, de modo que as representações destas são feitas de maneiras variadas. Ao longo deste artigo, são apresentados alguns registros fotográficos das atividades realizadas pelas crianças, além de ser discutido o nível de escrita de cada uma delas. Constata-se que a mediação do professor, independentemente do nível em que o aluno se encontra, é fundamental. Ressalta-se, ademais, que, na intervenção, o docente precisa compreender que os estudantes se aproximam do conhecimento de acordo com seu próprio tempo. E nota-se também que a experiência em sala de aula, para o discente do curso de Pedagogia, é fundamental, pois revela a complexidade com a qual o professor tem que lidar.

Palavras-chave: Alfabetização. Níveis de escrita. Educação.

Introdução

As crianças têm contato com as letras mesmo antes de irem para a escola, seja nos brinquedos, nos *tablets* ou até mesmo na televisão. Ainda que não conheçam o nome, o som ou a finalidade destas, o simples fato de visualizarem “o desenho das letras” em alguns lugares por si só já insere a criança no mundo da leitura e da escrita. Ao ingressarem na escola, as crianças passam a conhecer vários símbolos. Cada uma tem sua maneira de se apropriar desses novos conhecimentos.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação (DEDC) do *Campus XII* da Universidade Estadual da Bahia (Uneb). *E-mail:* lizeni_gbi@hotmail.com.

² Graduanda do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação (DEDC) do *Campus XII* da Universidade Estadual da Bahia (Uneb). *E-mail:* paty.15.nataliaibce@hotmail.com.

³ Professora Doutora do Departamento de Educação (DEDC) do *Campus XII* da Universidade Estadual da Bahia (Uneb). *E-mail:* sonia_uneb@hotmail.com

Aqui, analisaremos a escrita de algumas crianças da turma do 5º período da Educação Infantil da escola municipal *Senador Nilo Coelho*. Esta análise se deu por meio de registros feitos no desenvolvimento de atividades escritas realizadas na sala de aula durante nosso período de intervenção, sob as orientações do Componente Curricular *Processos de Alfabetização*.

É importante salientar que a professora (regente) sinalizou que estava alfabetizando crianças de diferentes idades. Estas variavam de 3 anos e 9 meses a 6 anos. Na sala dela, havia crianças que cursavam o 5º período da Educação Infantil, mas já haviam feito o 4º, e outras que nunca foram à escola. Assim, vimos que a heterogeneidade da turma permitia que fossem observados diferentes processos de alfabetização. Ainda que a turma fosse homogênea, ou seja, ainda que todos tivessem a mesma idade, sabemos que a aquisição da escrita por crianças e também por adultos é algo muito subjetivo.

Ao observarmos os desenhos e, sobretudo, a escrita das crianças, percebemos que cada uma, muito singularmente, esboçava nos papéis a forma como compreendia “aquele símbolo” ou “aquela letra” e representava esta de diferentes maneiras, as quais incluíam desenhos, grafias espelhadas, registros “corretos” ou não. Mas todos os alunos atribuíam significados a todas as representações feitas. Posteriormente, apresentaremos as imagens e discutiremos sobre o nível de escrita em que acreditamos que cada criança estava.

Pensando na teoria e na prática da sala de aula

Sabemos que o processo de apropriação da escrita não é fácil, principalmente para a criança que acaba de entrar na escola e ter um contato mais intenso com essa variedade de símbolos e sons. Para as crianças, a escrita convencional torna-se uma novidade. Como escrever o que se fala? De acordo com Lajolo (2003, p. 6), “a escrita desenvolveu-se daí, dessa capacidade de falar e compreender o que os outros falam”. Conforme observamos, o ato de escrever, para as crianças, é uma forma de representar algo de seu interesse ou de brincar. Ao contrário da fala, que é mais espontânea, a escrita é um processo complexo, que precisa ser ensinado. Isso demanda tempo, insistência e intencionalidade por parte do professor alfabetizador.

Dessa maneira, o maior desafio enfrentado na Educação Infantil pelo educador é encontrar meios para estruturar uma proposta pedagógica que considere as demandas da faixa etária das crianças. Isso porque elas necessitam de atividades que lhes ajudem na leitura e também na escrita. Assim, a escrita e a leitura estão interligadas. Quando as crianças começam a explorar o mundo das letras, passam a praticar tentativas de escrita, constituindo

um nível de hipóteses, usando várias letras juntas para expressar alguma coisa, como podemos perceber nos períodos de observação e de intervenção.

Segundo Cagliari (1997, p.121), “nessas tentativas de escrita, a criança não procura copiar, mas representar o que ela imagina que seja a escrita. [...] É importante deixar que as crianças experimentem como escrever as letras; dar tempo para que isso aconteça”. Ou seja, as escolas devem buscar trabalhar a escrita de forma simples, quem sabe, partindo da realidade das crianças e/ou dos interesses destas.

O professor deve pedir para seu aluno fazer leitura do que foi escrito para poder perceber como a criança estruturou suas hipóteses. Ser criativo deve ser umas das metas dos professores alfabetizadores. Ao falarmos de alfabetização, uma das primeiras coisas que devemos compreender é o modo como a criança observa a escrita. A leitura e a escrita de vários gêneros textuais e o contato com estes são de fundamental importância para principiar o letramento, o que irá beneficiar o desenvolvimento da alfabetização, favorecendo o processo de aprendizagem dos alunos.

De acordo com Ferreiro (1993, p. 25), “as crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita é um objetivo interessante que merece ser conhecido (como tantos outros objetos da realidade aos quais dedicam seus melhores esforços intelectuais)”. Assim, entendemos que a escrita precisa fazer sentido para a criança. O professor necessita demonstrar para ela qual é a finalidade de aprender as letras, as palavras, os números etc.

Os alunos realmente internalizam o conhecimento da leitura e da escrita, representando a escrita da forma como eles a interpretam. Esse processo é lento, mas o professor, como mediador, buscará soluções para que esses alunos aprendam por intermédio do contexto em que se está trabalhando.

Analisando o processo de aquisição da escrita

Há diferentes níveis de apropriação da língua escrita pelas crianças. No primeiro, o pré-silábico indiferenciado, a criança pensa que se escreve com desenhos. No pré-silábico diferenciado, ela já sabe que não se escreve com desenhos e usa as letras e os rabiscos de forma aleatória. No silábico, aprende que as letras representam os sons da fala; dentro deste nível, ainda se pode diferenciar duas fases importantes: a que a criança usa uma letra para cada sílaba, com correspondência sonora, e a silábica-alfabética, na qual o aluno ora escreve a sílaba completa, ora escreve uma letra apenas para representá-la. O último nível é o

alfabético; nele, a criança aprendeu que cada letra representa um som da fala e que, para formar sílabas, é necessário juntar as letras e que, para construir palavras, deve-se unir sílabas.

Selecionamos imagens com alguns desses níveis de escrita. A Figura 1 contém uma representação feita pelo aluno Lorenzo⁴. A criança tinha 4 anos de idade e estava em seu primeiro ano na escola, mesmo assim conhecia todas as letras do alfabeto e alguns números. Segundo sua professora, isso se deu pelo fato de o menino ser filho de uma professora da Educação Infantil, que foi inserindo as letras aos poucos no dia a dia da criança.

Figura 1 – Atividade de uma criança da Educação Infantil



Fonte: Registro fotográfico das pesquisadoras.

Entregamos para todas os alunos os desenhos dos personagens da história que foi contada para eles colorirem, essas ilustrações seriam coladas no caderno. Depois, foram entregues envelopes com letras móveis para que eles montassem os nomes desses personagens e colassem tais nomes embaixo dos respectivos desenhos. Como podemos perceber Lorenzo, assim como várias outras crianças, montou os nomes dos personagens corretamente, mas espelhados.

O espelhamento das letras pôde ser constatado em outra atividade, a da chamada. Nela, também entregamos letras móveis, desta vez, para que as crianças formassem seus próprios nomes.

Figura 2 – Atividade de uma criança da Educação Infantil

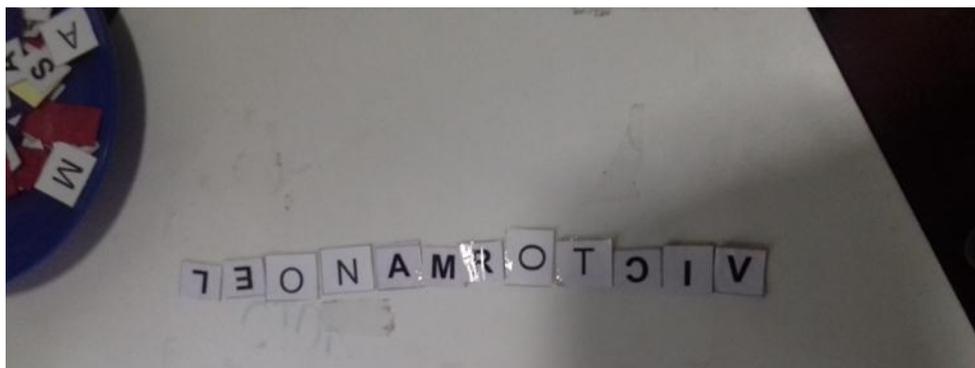


Fonte: Registro fotográfico das estagiárias

⁴ Utilizamos nomes fictícios para designar as crianças. Desse modo, a identidade delas é preservada.

A Figura 2 retrata a atividade de uma menina de 5 anos e meio que já tinha frequentado a escola no ano anterior. Ághata Yorrany também conhece todas as letras do alfabeto e os números de um a dez, além de identificar o nome dos colegas durante a chamada. O que acontece com Ághata e Lorenzo é comum em várias outras crianças. Acreditamos que até certo ponto isso seja “normal”, afinal eles estão sintetizando o conhecimento que estão adquirindo por meio da escrita.

Figura 3 – Atividade de uma criança da Educação Infantil



Fonte: Registro fotográfico das estagiárias

Acima está o registro de Victor Manoel, que, como os outros, montou seu nome de forma espelhada. Victor tem 5 anos e veio de uma escola particular. Conhece o alfabeto inteiro e também os números.

O espelhamento é um problema de Disgrafia. O que não quer dizer que as crianças apresentam dificuldades de aprendizagem. Elas necessitam da intervenção do professor como mediador, que precisa propor-lhes atividades que façam com que percebam a maneira como estão escrevendo e a forma convencional de escrita.

Nessa fase, as crianças ainda estão conhecendo as letras, estão aprendendo a distingui-las e a escrevê-las, por isso, além do espelhamento, acredita-se que seja normal que a criança acrescente números às palavras ou as escreva de “cabeça para baixo”. Em nossa leitura, essas crianças ainda não haviam chegado ao nível alfabético, pois, apesar de elas conhecerem as letras, não havia estabilidade no momento da sua utilização destas.

Curioso é pensar que, mesmo montando as palavras de forma espelhada, ao escrever, Lorenzo o fez na forma convencional. Pudemos constatar isso quando pedimos à criança que ilustrasse a história e colocasse seu título na parte superior da folha. Esperávamos que o menino fosse escrever o nome da história “A Polegarzinha” também de forma espelhada. Mas não foi isso que aconteceu, como mostra a Figura 4.

Figura 4 – Atividade de uma criança da Educação Infantil



Fonte: Registro fotográfico das estagiárias

Em conversa com a professora, descobrimos que, nas atividades que as crianças recebem letras móveis para formar palavras, isso é comum acontecer. Entretanto, nas tarefas em que elas mesmas têm de escrever as palavras, são poucos os alunos que ainda escrevem de forma espelhada.

Não só no caso dessas crianças, mas também no das demais, percebemos que ao professor cabe também o papel de observador. Como há, na turma da docente, estudantes com várias idades e, portanto, com níveis de alfabetização diferentes, o alfabetizador precisa se atentar a essas questões nos momentos de planejamento. Dessa forma, pensará e desenvolverá atividades que proporcionem às crianças o avanço de nível.

Depois de constatarmos isso, procuramos atividades que pudessem ajudar as crianças nesse sentido. Confrontávamos a escrita destas com a forma convencional de escrever aquela palavra, não com o objetivo de repreender a criança, mas sim com o intuito de que elas mesmas analisassem suas escritas e reparassem na diferença entre estas e a forma convencional.

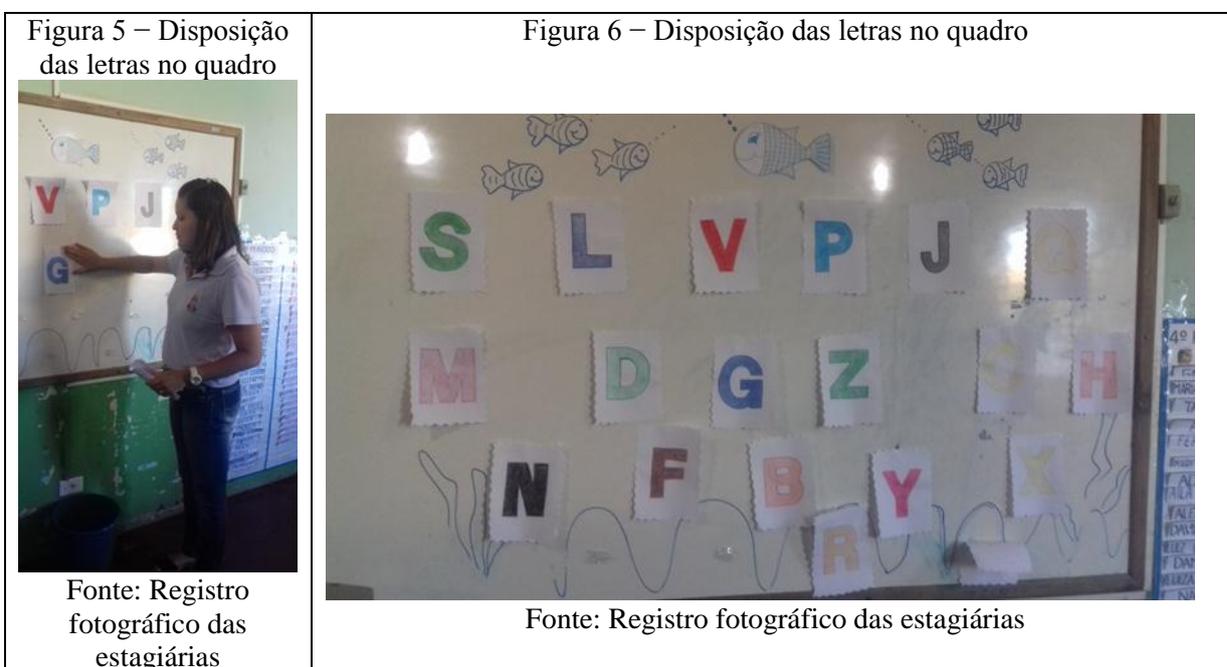
Dentre as atividades que propusemos, acreditamos que a do “bingo do peixinho” poderia ajudar nesse aspecto. Fizemos o bingo duas vezes. A primeira foi somente com as vogais, e a segunda envolveu as consoantes. Entregamos cartelas com as letras para cada criança e confeccionamos letras de forma bem visível e chamativa. Cada letra estava decorada com uma cor. Assim que a letra fosse chamada, a criança deveria pintá-la na cartela da cor correspondente. Dessa maneira, além de identificar a letra e a colorir, as crianças percebiam que uma letra era diferente da outra pela cor. Isso as ajudou, por exemplo, a ver as diferenças entre as letras “P” e “B” e a notar que “M” é diferente de “N”.

Além disso, trabalhamos a sonorização das letras ao utilizarmos a adaptação desta cantiga:

“A canoa virou, por deixar ela virar
Foi por causa das *consoantes* (ou vogais) que não souberam remar.
Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar
Eu tirava a letra..... lá do fundo do mar”

Ao chamarmos uma letra, pedíamos que as crianças repetissem o “nome” desta. Assim, foram percebendo que cada letra corresponde a um som e que isso também as difere. Por exemplo, “T” se parece com “D” no som, mas são diferentes no som e na escrita.

Posteriormente, conferimos as letras chamadas e as dispomos no quadro, como mostram as Figuras 5 e 6.



Nessa sala, vimos, conforme a professora relatara ao conversar conosco, que havia crianças já alfabetizadas. Era o caso de Ana Vitória. A menina tinha 6 anos e cursou o 4º ano com essa mesma professora. Essa criança já se encontra alfabetizada. A educadora nos fez entender que o fato de poder acompanhar algumas dessas crianças foi muito importante para ajudá-las a avançar de um nível para outro progressivamente. Isso porque algumas crianças iniciaram em sua turma e depois foram para outra escola, outras estavam no processo de transição. Para a docente, é interessante que o mesmo professor acompanhe todo o processo de alfabetização da criança. Mas, se a criança mudar de escola, o próximo professor precisa ter a sensibilidade de ajudá-la nesse sentido.

O desenho abaixo é de Ana Vitória e ilustra a história “A Polegarzinha”, que foi contada para toda a turma.

Figura 7 – Atividade de uma criança da Educação Infantil



Fonte: Registro fotográfico das estagiárias

Ana já sabia que cada letra representava um som da fala e que juntando letras formamos palavras e até frases. A menina já escrevia bilhetes para a professora e para seus colegas.

Nessa perspectiva, compreendemos que o *olhar atento* do professor faz toda a diferença nos processos de alfabetização das crianças. O docente percebe em quais pontos as crianças estão precisando de uma intervenção/mediação e, com isso, desenvolve atividades, jogos ou brincadeiras que favoreçam o aprendizado.

Considerações finais

Tanto no período de observação quanto no de intervenção na Educação Infantil, constatamos que muitas crianças têm contato com a língua escrita cada vez mais cedo. Isso contribui no processo de alfabetização escolar.

Sobre os níveis de escrita, percebemos que cada criança tem seu tempo de aprendizado, e isso precisa ser respeitado. No entanto, reiteramos que a observação e a mediação do professor são essenciais para promover a construção das aprendizagens das crianças, levando em consideração que cada um constrói seu próprio conhecimento.

Com as discussões feitas em sala de aula, no Componente Curricular *Processos de Alfabetização*, e com o estágio nessa turma do 5º período, aproximamo-nos das realidades vivenciadas no chão da escola e pudemos perceber o quão complexo é o “fazer docente”. Visualizamos a importância do professor-pesquisador nos processos de alfabetização. E,

assim, podemos averiguar que a prática vai se constituindo de acordo com o que as crianças apresentam.

Referências

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1997.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1993.

LAJOLO, Marisa (Org.). **Ofício de Professor: aprender mais para ensinar melhor**. São Paulo: Fundação Vitor Civita: Abril, 2003. (Coleção Leitura e Escrita, v. 3).